

Comunicado CP Prev

Rentabilidade do Plano em Junho/2022

Participantes da **CP Prev**,

No fim deste primeiro semestre, a apreensão dos investidores com a disseminação global da inflação e a reversão do ambiente de liquidez cedeu lugar à precificação de recessão econômica.

Em junho, os ativos de risco apresentaram mais uma rodada de forte depreciação. A diferença deste mês, em relação a tudo aquilo que vimos no início deste ano, contudo, ficou por conta do fechamento da taxa de juros no mundo desenvolvido e na forte queda no mercado de commodities, especialmente as commodities metálicas não preciosas.

A narrativa do mercado mudou, de forma rápida e acentuada, do medo da inflação, para o receio de uma recessão global. Esta mudança de dinâmica foi sustentada e explicada pela divulgação de dados econômicos, em especial nos EUA e na Europa, apontando para uma desaceleração não desprezível da economia global.

Pela primeira vez em vários anos, estamos vivenciando um cenário de desaceleração econômica (e aumento do risco de recessão), sem que os bancos centrais tenham a flexibilidade de ajustar sua política monetária em prol de mais crescimento.

Entendemos que os mercados só irão melhorar estruturalmente, ou seja, essa tendência negativa dos ativos de risco só irá se inverter, quando tivermos uma visibilidade clara de que a inflação atingiu o seu pico, os bancos centrais têm condições de encerrar o seu ciclo de ajuste monetário (alta de juros) e teremos uma noção mais clara de qual o tamanho, duração e extensão desta desaceleração econômica.

Destaques de Junho

Na **Europa**, se desenhou um cenário energético catastrófico. A Rússia reduziu em cerca de 60% o fluxo de Gás para o continente. O impacto imediato é a alta de preços, que exerce pressão na inflação. Mantido este cenário, a região pode ver seus estoques de Gás acabarem entre janeiro e março de 2023. Neste momento, alguns planos de contenção estão sendo colocados em prática, como racionamento de energia

Na **China**, com a reabertura econômica de diversas regiões do país pós “lockdown”, estamos vendo, como era esperado, uma recuperação da atividade econômica. O governo vem executando um afrouxamento fiscal e monetário, assim como clarificando algumas medidas regulatórias para o setor de tecnologia. Isso ajudou o desempenho das bolsas do país.

Nos **EUA**, o Fed acelerou o ciclo de alta de juros para 75bps, mantendo as portas da política monetária abertas para as próximas decisões. De qualquer forma, o destaque do mês ficou por conta dos sinais cada vez mais claros, seja dos dados econômicos, seja das sinalizações do setor corporativo, de que há em curso uma desaceleração não desprezível do crescimento do país.

No **Brasil**, uma nova PEC avançou no Congresso e tem elevada probabilidade de ser aprovada e executada, onde mais de R\$40 bi serão gastos acima do Teto de Gastos. Os rumos da situação fiscal no Brasil, adicionados ao cenário internacional mais desafiador, tem mantido o dólar mais alto, a curva de juros pressionada (para cima) e a bolsa de valores com dinâmica negativa.

Falando em bolsa, o Ibovespa sofreu junto com os mercados internacionais, acentuado pela queda forte nas commodities, causada pelo aumento do risco de recessão. Além disso, o crescimento da preocupação com o fiscal, impactado pelos subsídios que o governo brasileiro vem tentando impor na economia como forma de conter a inflação, aumentou a percepção de risco em relação ao país. Com isso, a Bolsa brasileira também terminou o mês com uma forte queda de -11,5%, zerando os ganhos do ano e fechando a primeira metade do ano com -6,0%.

Veja a seguir uma retrospectiva dos principais acontecimentos do semestre e seus impactos no Ibovespa:



Você sabia que o Brasil foi uma das melhores Bolsas do semestre?

Após o Fed adotar uma postura de aumento de juros, uma rotação nos mercados globais começou a ocorrer e o Brasil passou a ser a “bola da vez” do mercado.

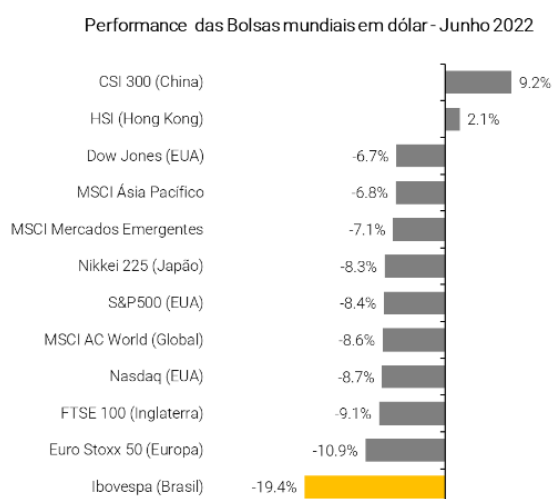
As ações brasileiras se beneficiaram de uma trílice combinação de:

- 1) rotação global de crescimento para valor;
- 2) forte exposição a commodities e bancos; e
- 3) múltiplos de entrada muito baixos (Preço por Lucro projetado ao redor das mínimas dos últimos 10 anos).

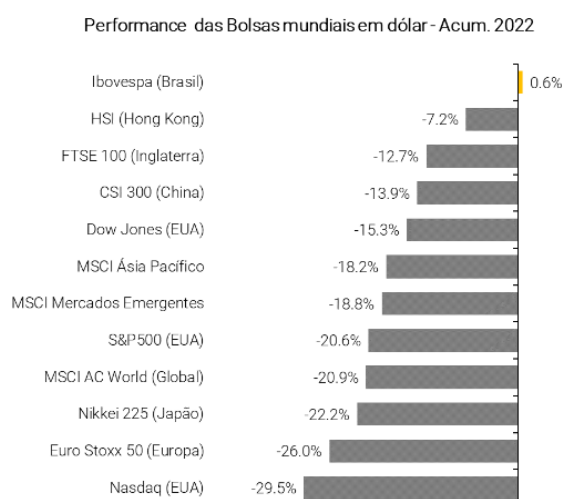
Na contramão das grandes economias mundiais, o Brasil iniciou o ano de 2022 sendo uma oportunidade de investimento muito atrativa para os investidores estrangeiros. Marcado pelo grande peso dos setores de commodities e bancos no Ibovespa, o Brasil se beneficiou do cenário mundial de juros altos e brilhou aos olhos do mercado internacional.

Nesse ambiente, o Ibovespa encerrou o semestre como um dos melhores desempenhos no ano dentre as principais bolsas globais e, apesar do fortalecimento do dólar frente a outras moedas com o avanço de juros nos EUA, o Brasil continua também como uma das melhores bolsas do mundo com retorno de **+0,6% em dólares** – superando os principais mercados globais.

Veja o comparativo:



Fonte: Bloomberg, XP Research. Dados até 30/6/2022.



Fonte: Bloomberg, XP Research. Dados até 30/6/2022.

É importante mencionar que a alta da Bolsa brasileira no início do ano foi sustentada principalmente por uma entrada significativa de capital estrangeiro em ações brasileiras. Com o otimismo com o Brasil, o Real também foi uma das moedas com o melhor desempenho acumulado vs. o Dólar no ano.

Já no segundo trimestre, o dinheiro estrangeiro começou a sair do mercado brasileiro, mostrando o início de um processo de acomodação. Além disso, as incertezas em torno do crescimento econômico global, especialmente com os *lockdowns* na China, levaram os preços das commodities a cair, o que também impactou o desempenho das ações brasileiras e contribuiu para o fluxo de saída desse capital.

De qualquer maneira, o ano de 2022 foi o ano de maior entrada de capital estrangeiro no mercado de ações brasileiro dos últimos 14 anos, indicando que a Bolsa brasileira segue barata e atrativa aos investidores de fora.

Retrospectiva do 1º Semestre de 2022

Janeiro



O ano começa com desafios. O IPCA acumulado em 2021 foi de 10,1%, bem acima da meta de 3,7%, um reflexo da pandemia e que teve como principais vilões, os grupos de energia elétrica, alimentos e combustíveis.

Primeira reunião do Copom do ano. Para segurar a alta dos preços, a Selic continuou a escalada iniciada em 2021, chegando a 10,75% ao ano, após nova elevação de 1,5 ponto percentual

Avanço das tropas russas até as fronteiras com a Ucrânia, dando início à guerra. Além da questão humanitária, aumentaram, também, as preocupações com a situação energética de vários países ao redor do mundo

As commodities agrícolas sofrem fortes oscilações em seus preços, reforçando a pressão inflacionária e o aumento nos preços em toda a economia global

As bolsas brasileira e de outros países na América Latina, como o Chile, se aproveitaram dessa alta nos preços e tiveram bons resultados no período

Fevereiro

Março

A Bolsa colhe bons resultados no Brasil, superando os 120 mil pontos, o pico nesse primeiro semestre, graças à entrada de capital estrangeiro

Russia x Ucrânia, reuniões conduzidas pela Turquia pareciam por um fim na guerra, mas, depois que nenhum lado cedeu às condições impostas, as conversas foram fechadas

Por aqui, a gasolina teve um aumento de 18,8% e o valor do diesel foi mais uma vez ajustado em 24,9%. Isso fez com que acontecesse a primeira mudança na presidência da Petrobras em 2022

Os efeitos da vacinação em massa começam a aparecer. Usar máscaras deixa de ser obrigatório em locais abertos, aumentando a sensação de normalidade, com a volta, por exemplo, dos eventos presenciais

O dólar seguiu uma tendência de queda e a moeda atingiu o menor valor em 2 anos: R\$ 4,60

O IPCA acelera. Nesse mês, atingiu o pico de 12,1%, a maior taxa acumulada desde outubro de 2003, e com a maior variação para o mês desde 1996

Lá fora, as pressões inflacionárias ganharam força. Bancos centrais ao redor do mundo tentaram dar respostas aos vaivéns da economia e o Banco Mundial diminuiu sua previsão de crescimento global para 3,2% em 2022

Abril

Mai

O tema combustível volta com força no Brasil, com outra troca no comando da Petrobras

A Bolsa de Valores tem um bom desempenho, apesar do mito do mês amaldiçoado. O índice se aproveitou dos dados preliminares de aumento na atividade econômica e fechou em alta de 3,2%

Definições na política. As pré-candidaturas foram lançadas e as federações partidárias se preparam para definição de presidente, governadores, senadores e deputados

Nos Estados Unidos, o Fed subiu a taxa de juros em meio ponto percentual e falou que não ia parar no intervalo de 0,75% a 1% ao ano

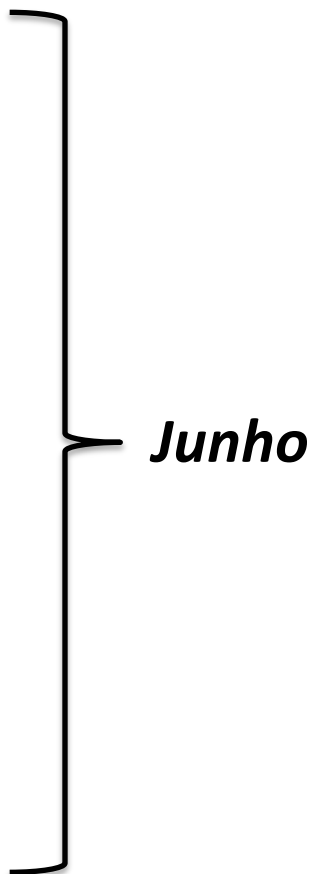
Novas altas nas taxas de juros: nos Estados Unidos, 0,75 ponto percentual, o maior aumento desde 1994, e no Brasil, em que o Copom anunciou a 11ª elevação consecutiva da Selic, que fechou o semestre em 13,25% ao ano

São revelados os dados do primeiro trimestre do PIB, com avanço de 1% puxado, principalmente, pelo setor de serviços, que demonstrou forte recuperação

Chega ao fim, o processo de privatização da Eletrobras, com um valor levantado maior de R\$ 29 bilhões

Acontece um novo ajuste nos preços dos combustíveis. No meio da pressão política, as ações da Petrobras tiveram uma queda de mais de 7% no dia do anúncio e a Bolsa recuou para menos de 100 mil pontos

Os setores mais afetados na Bolsa brasileira são as empresas de consumo. O índice de consumo da B3 já caiu 22%, precificando o desafio dessas empresas com a inflação



(Fonte: Íon Itaú)

O que esperar pela frente?

De acordo com os especialistas do mercado...

Inflação, juros em alta e incertezas: a inflação vai seguir como principal problema no 2º semestre e vai depender das medidas que o governo e o congresso estão tomando para reduzir impostos e conter certos preços.

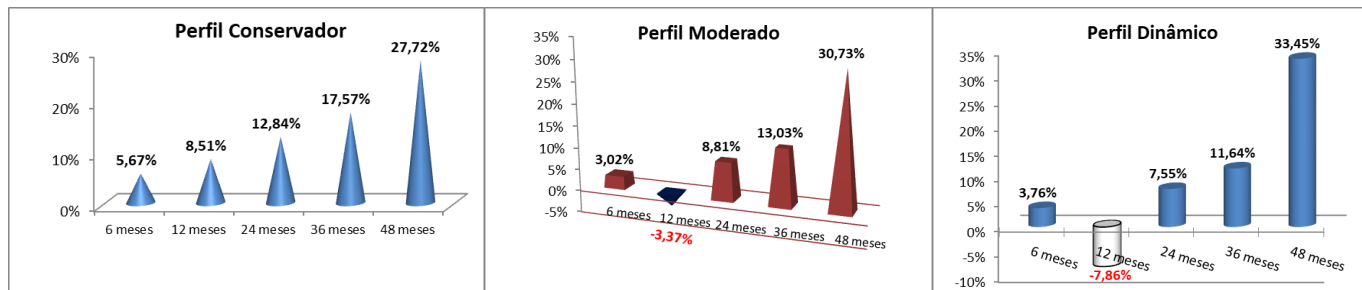
Devemos seguir com os holofotes apontados para a inflação, os juros em alta e os riscos de recessão. Além disso, a volatilidade no preço dos commodities, puxada pelos temores de recessão, é outro ponto de atenção, principalmente para o Brasil, um país fortemente impulsionado pela exportação de commodities.

Período eleitoral: também traz muitas incertezas para o mercado, pois podem surgir dúvidas sobre como ficará a condução da economia no país. Por isso é tão comum ter mais volatilidade, podendo ser um fator determinante para uma menor entrada de fluxos para a Bolsa.

O lado positivo é que o mercado brasileiro já está extremamente barato e descontado, em níveis que não são vistos desde 2008. Além disso, as empresas apresentam risco baixo, ou seja, com baixos níveis de dívida em relação ao passado, e potencial de bons pagamentos de dividendos.

Rentabilidade acumulada da CP Prev dos últimos meses

(posição em Maio/22)



A CP Prev acompanha de perto o mercado e está sempre próxima dos gestores de investimentos e assessores financeiros, e continuará promovendo uma comunicação transparente junto aos seus Participantes.

Acreditamos que a melhor estratégia é manter nossos investimentos mais diversificados e continuaremos atentos ao mercado para promover, se necessário, ajuste de rota na nossa Política de Investimentos.

A prévia da rentabilidade de Junho ainda não demonstra recuperação nos perfis moderado e dinâmico, que foram bastante impactados de acordo com o exposto neste comunicado. Estará disponível no site da CP Prev a partir do dia 20/07 e nossos Participantes poderão analisar os índices e o acumulado nos últimos meses.

Em caso de dúvidas, envie uma mensagem para a CP Prev, pelos canais de atendimento disponíveis no site.

CP Prev – Sociedade de Previdência Privada

Afonso Celso Montesanti
Diretor Superintendente

Fernanda Rinco
Diretora AETQ